

O DONO É QUEM ACHOU

Faith Andrews Bedford

Quarenta anos atrás, em um dia quente de agosto, senti pela primeira vez a sensação de ser rica. Minha mãe precisava de leite, e eu me propus a ir de bicicleta até o povoado para comprá-lo.

Quando passei pela escola, as balanças do playground estavam imóveis e silenciosas; as gangorras reluziam sob o Sol quente da tarde. Em breve, aquele lugar silencioso estaria ecoando risadas e gritaria. As gangorras começariam a ranger, e as balanças voariam em direção ao céu, com as correntes entrecrocando-se e tinindo após cada impulso dado pelas crianças. Dentro de pouco mais de um mês, minhas irmãs e eu atravessaríamos os enormes portões de pedra, com nossos sapatos reluzentes, segurando firme os cadernos novos. Eu havia passado para a sexta série, a última da escola, e faria parte da patrulha de segurança.

Quando cheguei ao povoado, pedalei com mais rapidez. Eu havia economizado algum dinheiro para comprar os cavalinhos da vitrina da loja da Sra. Bridges e estava ansiosa para ver se eles ainda encontravam-se ali. Faltavam apenas US\$ 4.25 para comprá-los.

Logo adiante, avistei a loja de brinquedos e lá estava a família equina na vitrina. O garanhão preto apoiado nas patas traseiras: a égua palomino com a cabeça abaixada como se estivesse pastando; o potro em pé com expressão alerta. Eu vinha imaginando havia muito tempo como aquele trio ficaria em cima de minha escrivaninha; cortaria grama todos os dias e a colocaria embaixo do focinho da égua.

Ainda sonhando com os cavalinhos, quase passei com a bicicleta por cima de um monte de papéis. Curvei-me e vi que se tratava de um maço de dinheiro e peguei-o. Deve haver centenas de dólares aqui, pensei, talvez milhões! Virei a esquina pedalando rápido em direção à mercearia e quase atropeliei nosso vizinho, o Sr. Peabody.

- Veja! — eu disse, sacudindo o maço de notas no ar. — Veja só o que eu achei!

— Bem, bem, bem — disse o Sr. Peabody. — Foi um achado e tanto. Mas você precisa tomar mais cuidado com essa bicicleta, mocinha — ele repreendeu-me, fingindo estar zangado.

— Sim, senhor — eu disse afobada e afastando-me, dessa vez um pouco mais devagar. Apoiei a bicicleta em uma árvore e corri até a mercearia. Inquieta, enquanto aguardava na fila para pagar, encostei a garrafa de leite gelado no rosto, sentindo uma sensação agradável. Pedalei firme em direção à loja de brinquedos e, no caminho, avistei o lugar mágico onde havia encontrado o dinheiro. A rua ainda estava vazia. Não havia ninguém por perto.

Entreí apressada na loja de brinquedos. O sininho instalado na parte superior da porta tocou forte, e a Sra. Bridges virou-se para trás sobressaltada.

– Que susto, Faith! – ela exclamou, levando a mão à garganta. – O que houve?

– Nada – eu disse, com um sorriso amarelo, balançando as cédulas alegremente. – Vim comprar os cavalinhos. Acho que tenho dinheiro suficiente aqui.

– Parece que sim. Vamos contá-lo.

A Sra. Bridges contou lentamente três notas de dez dólares e uma grande quantidade de notas de um dólar.

– Aqui há US\$ 47, querida – ela disse, surpresa. – Na semana passada, você me disse que havia economizado oito dólares.

– É verdade – eu disse. – Mas agora estou rica!

A Sra. Bridges sorriu, retirou os cavalinhos da vitrina e colocou-os em uma sacola. Peguei a sacola e atravessei correndo a porta, agradecendo por cima do ombro.

A garrafa de leite sacolejava em minha bicicleta, enquanto eu pedalava rápido até minha casa. Abri a porta da cozinha com força no momento em que minha mãe desligava o telefone.

– Mãe, encontrei um maço de dinheiro! – gritei, abraçando-a eufórica.

– Eu sei – ela disse em voz baixa.

– Sabe? Como?

– Estava falando com o Sr. Peabody ao telefone. Ele me contou que colidiu com você no povoado. Senti o rosto arder quando me lembrei que quase passei por cima dele.

– Ele me contou que você encontrou esse dinheiro. Depois me contou que conheceu a senhora que o perdeu.

O calor do dia desapareceu. Um calafrio percorreu minha espinha.

– Não – eu murmurei, com os olhos lacrimejando. – O dinheiro é meu.

– Faith, Faith – disse minha mãe, puxando-me para perto de si. – O Sr. Peabody contou que, quando saiu do banco, viu uma mãe com seu filhinho procurando aflita alguma coisa na calçada em frente à companhia de eletricidade. Ele perguntou se ela havia perdido alguma coisa e ficou sabendo que ela havia colocado o dinheiro para pagar a conta de luz em um dos bolsos e o dinheiro para pagar a mercearia no outro. Quando foi pagar a conta de luz, o dinheiro havia desaparecido. O funcionário disse que ia mandar cortar a energia elétrica de sua casa se ela não pagasse a conta. Ela estava desesperada. O Sr. Peabody disse que foi bom ter-se encontrado com ela.

– Não, não foi – choraminguei, escondendo o rosto no ombro de minha mãe.

– Vamos lá – ela disse, dando-me um tapinha de leve. – Você precisa parar de chorar. A senhora está vindo para cá. O Sr. Peabody contou a ela onde nós moramos.

– Mas eu achei o dinheiro – gritei, afastando-me de minha mãe. – O dono é quem achou.

Minha mãe olhava firme para mim.

– E tem mais – eu soluzei, apertando a sacola de encontro ao peito.
– Comprei três cavalinhos com uma parte do dinheiro.

– Bem disse minha mãe serenamente, acariciando meus cabelos –, acho que você vai ter de devolvê-los.

Fungando, concordei com relutância que ela estava certa. O dinheiro não era meu. Não era mesmo. Eu não havia feito nada para ganhá-lo. A alegria de ter os cavalinhos começava a desaparecer. A sacola pesava em minhas mãos.

Quando ouvi uma batida de leve na porta, parei de chorar e lavei o rosto com água fria. Ouvi a mulher perguntar:

– É a Sra. Andrews? Acho que sua filha encontrou o dinheiro que eu perdi. Não eram US\$ 47? Dei uma espiada e vi minha mãe abrindo a porta de tela.

– Sou eu mesma – ela respondeu. – Entre. Você deve estar cansada de tanto andar. Aceita uma limonada?

A mulher assentiu com a cabeça. Seu vestido de tecido fino estava grudado no corpo por causa do calor. Com uma das mãos, ela segurava uma sacola da mercearia. A outra estava apoiada no ombro de um menino magrinho. Eu estava atrás deles na fila do caixa da mercearia.

Minha mãe me viu.

– Esta é Faith – ela disse, fazendo um gesto para que eu me aproximasse. – Foi ela que encontrou o seu dinheiro.

– Em frente à companhia de eletricidade? a mulher perguntou. Assenti com a cabeça.

– Eram US\$ 47?

– Sim – respondi lentamente, entregando-lhe o restante do dinheiro, mais os oito dólares de meu cofrinho. Uma expressão de alívio tomou conta de seu rosto pálido como se fosse um raio de sol após a chuva.

– Muito obrigada – ela disse. – Eu estava apavorada. Não sabia como conseguir o dinheiro para pagar a conta de luz.

– Não está tudo aí... – murmurei, embaraçada.

– Como assim? – ela quis saber, sem entender.

– Gastei uma parte dele – eu disse, de cabeça baixa.

– Ora –ela riu. – Eu planejava dar-lhe cinco dólares de gratificação por ter encontrado meu dinheiro e o guardado para mim. Você gastou tudo isso?

Sacudi a cabeça.

– Não, senhora. Gastei só US\$ 4.25.

– Aqui está – ela disse, depositando três moedas de US\$0.25 em minha mão. – Este é o resto da gratificação.

O menino olhou para mim com ar assustado.

Minha mãe e a senhora sentaram-se na sala de visitas bebericando limonada e conversando sobre assuntos variados: o tempo, a feira rural, o início das aulas. Ensinei o filho dela a jogar xadrez chinês.

De repente, ouvi a senhora dizer:

– William vai cursar a primeira série este ano.

– Sério? – perguntei a ele.

O menino movimentou uma das peças e assentiu com a cabeça timidamente. Parecia orgulhoso e assustado.

– Pegue isso – eu disse, colocando uma de minhas moedas em sua mão. – Você vai precisar comprar alguns lápis coloridos.

Eu me sentia sábia e magnânima ao mesmo tempo. Afinal, havia sido rica por alguns momentos. E agora que tinha conseguido comprar os cavalinhos, tudo estava perfeito.

O dia estava começando a esfriar quando William e sua mãe foram embora. Em pé no jardim, eu os vi seguindo rua abaixo. Peguei um pouco de grama fresca para meus cavalinhos.

Pouco antes de virar a esquina, William gritou despedindo-se de mim e agradecendo-me. Com uma das mãos segurando a da mãe, ele acenou com a outra. Ele apertava firme a moeda. Achei que ele não confiava em seus bolsos.

Se você estiver enrolado demais, é sinal de que está com muita roupa.

JANE ANN CLARK